

O CONCEITO DE PLANO DE TEXTO: CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE PLANEJAMENTO DA PRODUÇÃO ESCRITA/*THE TEXT PLAN CONCEPT: CONTRIBUTIONS TO THE WRITING PLANNING PROCESS*

*Ana Lúcia Tinoco Cabral**

Resumo: Estudantes, em todos os níveis de ensino, desde as séries iniciais até os níveis de pós-graduação, apresentam dificuldades tanto para a compreensão quanto para a produção de textos. O artigo focaliza o conceito de plano de texto, tal como o aborda a ATD, ou seja, um princípio de organização que permite concretizar as intenções de produção e distribuição da informação no desenvolvimento da textualidade, responsável pela estrutura composicional do texto (Adam, 2008). O trabalho analisa a relação entre o plano de texto e o planejamento da escrita, na qual o primeiro fornece o suporte teórico para o segundo. Para tanto, aborda questões relativas à leitura, analisa um texto argumentativo do ponto de vista do plano textual e apresenta reflexões sobre o processo de escrita, focalizando a relação o plano de texto e o planejamento da escrita.

Palavras-chave: leitura; escrita; plano de texto; planejamento textual; texto argumentativo.

* Professora Titular da Universidade Cruzeiro do Sul – UNICSUL, São Paulo, Brasil; altinococabral@gmail.com

***Abstract:** Students - at different levels, ranging from early grades up to PhD - face problems both on comprehension and text production. This paper focuses on the text plan concept according to the DTA (Discourse Text Analysis) approach, i.e., a principle of organization that allows students to put into practice the production intention as well as to arrange text information while producing; being responsible for the text compositional structure (Adam, 2008). The study analyzes the relation between text plan and the writing planning process, in which the first one provides the second with theoretical support. In order to develop such research, the study covers some issues related to the reading skill, analyzes an argumentative text as per its textual plan, and presents some reflections on the writing process, focusing on the relation between textual plan and the writing planning process.*

***Keywords:** Reading Skill; Writing Skill; Text Plan; Text Planning; Argumentative Text.*

Introdução

Exames nacionais dos mais variados retratam as dificuldades que os estudantes, em todos os níveis de ensino, desde as séries iniciais até os níveis de pós-graduação, encontram tanto para a compreensão quanto para a produção de um texto. Não é, portanto, sem razão que a problemática da produção e da compreensão textual na escola encontra-se cada vez mais presente na agenda das pesquisas atuais da Linguística, e especialmente da Linguística de Texto. Interesse-me particularmente pelas questões ligadas à produção escrita, sem ignorar, evidentemente, que leitura e escrita são dois lados da mesma moeda, pois ambas mantêm estreita relação, de tal forma que muitas questões concernentes a uma vale também para a outra. Por esse motivo, neste trabalho, parto de questões relativas à leitura para subsidiar minhas reflexões concernentes à escrita.

Meu objetivo, neste texto, a partir da constatação de dificuldades na produção escrita, é refletir sobre o trabalho de produção de textos na universidade.

Embora tenha sempre em mente o público com o qual estou habituada a trabalhar, jovens adultos universitários, acredito que as questões levantadas neste trabalho são de caráter geral e, espero, podem ser pertinentes para as práticas de escrita na escola em outros níveis de ensino. Focalizarei o conceito de plano de texto, tal como ele é entendido atualmente na ATD, ou seja, um princípio organizador que permite atender e materializar as intenções de produção e distribuir a informação no desenvolvimento da textualidade e é responsável pela estrutura composicional do texto. (Adam, 2008). A partir desse conceito, apresentarei algumas reflexões que conduzirão à ideia que defendo, de que é possível estabelecer uma relação entre plano de texto e planejamento da escrita, na qual o primeiro fornece os suportes teóricos para o segundo e, portanto, subsidia a etapa de planejamento.

Para orientar o desenvolvimento deste trabalho, formulei três questões que norteiam minhas reflexões: Como os elementos textuais se organizam na materialidade linguística para cumprir seus propósitos interacionais? Como essa organização se identifica na leitura? Como essa possibilidade de organização pode orientar a escrita?

Assim, para responder a essas três questões que me permitirão chegar à minha ideia central, o texto está dividido em três partes: (1) Na primeira, abordo o conceito de plano de texto e apresento algumas reflexões sobre esse conceito; (2) Na segunda, apresento a análise de um texto, para o qual, a partir de minha leitura, procuro construir um plano textual; (3) Na terceira, abordo a questão do planejamento de texto e sua relação com o conceito de plano de texto.

Plano de texto: um princípio organizador da leitura

Ao tratar dos objetivos que motivam uma ciência do texto, Van Dijk (1983) ressalta a importância da estrutura como um construto que viabiliza as intenções do produtor e a percepção do leitor. O autor ressalta que o estudo do texto deve dar conta de tratar das estruturas sintáticas, semânticas, pragmáticas, estilísticas, esquemáticas e da conexão entre elas no funcionamento do texto.

A estrutura é vista por esse estudioso como um elemento que tem efeitos sobre o conhecimento, as opiniões, as atitudes e as atuações de indivíduos, grupos ou instituições. Van Dijk observa ainda que os indivíduos se valem de estruturas textuais para elaborar seus propósitos recorrendo a operações retóricas e a formas

estilísticas concretas e determinado tipo de texto. Essas estruturas textuais auxiliam os falantes a ler e ouvir manifestações linguísticas tão complexas como os textos, a entendê-los, extrair certas informações, armazenar (ao menos parcialmente) essas informações no cérebro e voltar a reproduzi-las segundo tarefas, intenções ou problemas concretos que se apresentem.

O autor chama a atenção para o fato de que a estrutura do texto no contexto da comunicação é influenciada pelo conhecimento, pelas intenções do indivíduo e pelas funções do texto em sua incidência sobre atitudes e comportamentos de outros indivíduos, bem como por grupos, instituições e classes que se comunicam por meio de seus membros mediante a produção de textos.

O estudo do texto, como fenômeno prático, social e cultural, segundo Van Dijk (1997), deve, portanto, partir do uso da linguagem, para, assim, se chegar a dimensões comunicativas e interacionais. Em outras palavras, deve-se começar com o mais observável e superficial em nível de expressão para, a partir daí, aprofundar níveis de forma, significado e ação.

Os postulados de Van Dijk me conduzem a afirmar que, embora concorde com Kintsch (1998) de que uma teoria que trate da compreensão textual não seja uma teoria da estrutura textual, não se pode ignorar que a estrutura textual tem sua importância como elemento determinante do processo de compreensão. Entre os elementos que permitem identificar os gêneros textuais, destaca-se a estrutura composicional; trata-se de um esquema pré-estabelecido que orienta tanto a elaboração como a leitura de um texto, correspondendo à sua organização global prescrita pelo gênero ao qual pertence. A esse respeito, Adam (2008, p.256) postula que os planos de textos estão, com os gêneros, disponíveis no sistema de conhecimento dos grupos sociais. Eles fazem, portanto, parte dos conhecimentos prévios do leitor, atuando na construção dos sentidos de um texto.

O plano de texto, ao explicitar a estrutura global do texto, a forma como os parágrafos se organizam, a ordem em que as palavras se apresentam no texto, pode fornecer os elementos necessários à compreensão e à produção, uma vez que, para a percepção/elaboração da estrutura global do texto, o leitor lança mão de seus conhecimentos linguístico e textual.

O fato é que, durante a leitura, de acordo com Le NY (2005), o leitor percebe a estrutura do texto, ou seja, suas características prototípicas. Partindo desse ponto de vista, acredito que a elaboração de um plano explícito de texto pode tornar consciente esse processo, permitindo que posteriormente ele utilize essa informação de forma mais controlada.

Considerando que, tanto na produção como na interpretação, todo texto é objeto de um trabalho de reconstrução de sua estrutura que, passo a passo, pode levar à elaboração de um plano de texto, Adam (2008, p.255) defende que os planos de texto “desempenham um papel fundamental na composição macrotextual do sentido”. Com efeito, “o reconhecimento do texto como um todo passa pela percepção de um plano de texto” (ADAM, 2008, p.254).

A compreensão textual consiste na construção de um arranjo particular de conteúdos semânticos, utilizando conhecimentos conceptuais e linguísticos do leitor e da situação tal qual ela se apresenta. Desse ponto de vista, não se pode conceber o texto como objeto portador de sentido independentemente dos parâmetros situacionais e cognitivos (cf. Coirrier, Gaonac'h e Passerault, 1996). Por esse motivo, a construção dos sentidos de um texto deve ser entendida como um processo que envolve de forma interativa produtor, leitor e texto e depende muito do contexto cognitivo dos interlocutores (cf. Koch, 2002). Além do conhecimento linguístico e enciclopédico e do conhecimento concernente às situações interativas e suas regras de adequação que precisam ser ativados por ocasião o intercâmbio verbal, há o conhecimento superestrutural ou tipológico e o conhecimento de outros textos que permeiam nossa cultura, são conhecimentos ligados ao conceito de plano de texto, como um conhecimento fundamental para a leitura e para a escrita.

Particularmente Kintsch (1998) lembra que, para compreender um texto, o sujeito precisa estabelecer relações entre elementos de informação heterogêneos: as ideias expressas pelo texto e os conhecimentos prévios pertinentes. Esses conhecimentos permitem estabelecer nós intertextuais, inclusive aqueles relativos a estruturas textuais recorrentes. Kintsch (1998) ressalta a interação entre os dados linguísticos e os conhecimentos do leitor, privilegiando os conhecimentos do leitor, na medida em que são esses conhecimentos que permitem ativação dos elementos pertinentes. No processo de leitura, ocorre a interação entre informações provenientes diretamente do texto e da rede de conhecimentos do leitor, colocando, mesmo que não explicitamente, a noção de intertextualidade e, por conseguinte, de planos estabilizados pelos gêneros, em lugar de destaque do processo de compreensão.

A compreensão e a construção dos sentidos de um texto repousam sobre um conjunto de processos desconhecidos do leitor, ou, pelo menos, não conscientes e que podem se tornar conscientes e controlados quando o leitor é proficiente em leitura. Nosso papel é fornecer aos alunos as estratégias que lhe

permitam realizar o trabalho de leitura de forma mais consciente e controlada. Esse conhecimento passa pelo funcionamento discursivo dos gêneros textuais dos mais variados, inclusive de suas estruturas.

Dentre os tipos de organização dos conhecimentos prévios, Fayol (1992) destaca a noção de *esquemas*, observando que cada tipo de texto é passível de desencadear esquemas de tratamento diferentes, mobilizar conhecimentos pré-estabelecidos do domínio, ativar competências de ordem lógica, ativar estruturas de motivação ou mesmo orientar para o tratamento apenas dos dados essenciais para o cumprimento de determinado objetivo.

A noção de esquema diz respeito a esquemas cognitivos, que podem, inclusive, incluir esquemas textuais, ou formas de organização específicas a cada gênero textual. Entendidos como princípios organizacionais, os esquemas textuais permitem definir relações que contribuem para a organização estrutural do texto; auxiliam a estabelecer o grau de importância relativa de uma informação dada; permitem ao leitor antecipar a organização posterior do texto, predizer os elementos necessários à continuidade de uma sequência, e decidir em que momento ele pode considerar a informação ou o texto como completos.

Alguns estudiosos (cf. Kintsch & Mannes, 1987; Schank, 1982) apresentam a noção de *esquemas* como uma receita para gerar e organizar estruturas em um determinado contexto de tarefa em geral. A sensibilidade ao contexto garante que a estrutura gerada seja sempre adaptada ao contexto específico de uso. Embora essa ideia contemple a noção de contexto, importante componente do processo de compreensão, e forneça elementos que servem de pistas para o leitor, ela se mostra problemática pelo fato de introduzir a noção de receita, como se a compreensão se desse por um roteiro fechado de procedimentos.

Entretanto, se, em vez de associarmos à ideia de receita, procurarmos a correspondência na noção de plano de texto postulada por Adam (2008), incluindo no conceito de esquema também a noção de um princípio organizador que permite atender e materializar as intenções de produção e distribuir a informação no desenvolvimento da textualidade, acredito que o conceito de esquema se mostre pertinente para as práticas de leitura e escrita.

Vale ainda ressaltar que os textos normalmente trazem informações novas, que podem ser esperadas ou não pelo leitor. Quanto menor a previsibilidade do novo tanto maior a exigência de esforço por parte do leitor; esforço atenuado, entretanto, por um amplo conhecimento prévio deste. Tal conheci-

mento pode ser referente ao mundo em geral, ou relativo a temas específicos; por isso, quando um texto se circunscreve em uma área temática, possibilita a ativação de conhecimentos específicos, delimitando os conhecimentos ativados, o que funciona como elemento facilitador da compreensão. O mesmo acontece quando o texto apresenta um plano fixo, já cristalizado pelo seu uso social, ou até quando o plano textual, apesar de não corresponder a uma forma fixa, é pouco complexo e se apresenta de forma clara no desenvolvimento do texto.

Conforme já destaquei anteriormente, também o conhecimento de estruturas específicas, seja do gênero textual em questão, seja de organizações sequenciais constitui outro elemento que contribui para a compreensão. Extrair de um texto um plano de ação, que esteja na base de sua organização global, auxilia a construção dos sentidos por parte do leitor, na medida em que lhe permite estabelecer coerência entre as partes do texto. Dessa forma, justifica a presença de cada uma delas no todo do tecido textual e explicita as relações lógico-argumentativas que se estabelecem entre as partes do texto, fazendo dele um todo dotado de sentido. É nesse sentido que considero importante a percepção de um plano de texto, como um princípio organizador que fornece subsídios para a construção dos sentidos do texto, ajudando o leitor a inferir os efeitos de sentido desejados pelo produtor. Com efeito, conforme destaca Storrer (2009, p. 209), “quanto mais um texto corresponde às expectativas sobre os padrões textuais convencionalizados, tanto menores são os custos cognitivos durante o processamento textual e tanto maior é o grau de construção da coerência”. Desse ponto de vista, creio poder afirmar que os planos de texto constituem princípios organizadores subjacentes a todo texto.

O plano textual em um texto

Para a elaboração do plano de um texto, a título de exemplificação, elegi um texto predominantemente argumentativo, publicado na seção “Polêmica” da revista Superinteressante, edição 281, e intitulado “Chegou a hora de acabar com o braile?”.

O texto tem como tema leitura e tecnologia, tratando especificamente da influência dos avanços tecnológicos nos processos de leitura utilizados por cegos que, atualmente, estão deixando de lado o braile e põe em questão a validade ou não de se acabar com o ensino do braile aos cegos. Vale ressaltar que o título da seção já indica que os textos ali publicados são predominantemente

argumentativos, uma vez que toda polêmica pressupõe a defesa de pontos de vista que se opõem e, por conseguinte, uma atividade de argumentação.

Os textos de opinião publicados em revistas de divulgação científica não apresentam planos fixos. Ao contrário, são bastante flexíveis, uma vez que o desenvolvimento da atividade argumentativa pode se dar por diversos percursos estratégicos, conforme podemos observar no plano que se segue:

Chegou a hora de acabar com o braile? (Ver texto, em anexo, transcrito para este trabalho, publicado na Revista *Superinteressante*, seção “Polêmica”, edição 281, agosto de 2010)

Apresentação da polêmica - Tecnologia: ajudar os cegos / E questionar o uso braile
(reinava sozinho)

Argumentação inicial: apresentação de argumentos a favor da tecnologia:
evoluído *muito*: novas ferramentas – *amplia* acesso informação escrita,
mais opções

Constatação de fatos - evidências:

Novidades conquistaram espaço.

Os cegos estão deixando de ler.

Problematização – perguntas

Isso é um sinal de progresso?

Devemos celebrar o declínio do braile?

Ponto de vista adverso à tese

É verdade

a tecnologia = absorção rápida de muita informação

Estratégia para mudar o curso da argumentação – põe em questão a tecnologia

O problema

novas ferramentas = tipo passivo de leitura

Ponto de vista em favor da tese - por oposição

Ao contrário

do braille: leitura ativa.

O cérebro recebe as informações de forma diferente.

Absorve conteúdo, as letras, a pontuação, a estrutura do texto.

Reforço da tese - Constatação de fato – asserção

A falta desse conhecimento pode prejudicar a formação de *alguém*.

Exemplo para reforçar o argumento: narrativa encaixada - experiência (evidência); depoimento pessoal (responsabilidade enunciativa); argumento de autoridade (pela condição do orador e pela sua posição institucional).

Aconteceu comigo.

Comparação favorável à tecnologia: ponto de vista adverso à tese defendida por comparação

Tecnologia X Braille - rapidez na leitura –

tecnologia 250 palavras/min braille 50 palavras/minuto

Argumento definitivo em favor da tese – por refutação do arg. anterior + asserção por exclusão

Mas

tecnologia complicada para reuniões ou palestras.

só

braille evita que *eu* desvie a atenção do conteúdo principal.

Recurso de presença com comparação – analogia

É *como*

para as pessoas que têm visão: rádio e TV úteis, mas não substituem a leitura.

Atenuação para preservar a face

Não quero dizer que

a tecnologia de áudio *não é* importante na vida dos cegos.

Ela é.

Refutação por meio de asserção de valor alético de caráter generalizante retoma a comparação anterior.

Mas

deficientes visuais necessitam de maneira eficiente de ler e escrever, *como todo mundo*.

Asserção que alia os dois pontos de vista – generalizador e inclusivo alético - conduz à tese

Precisamos garantir acesso a *todo tipo de tecnologia* capaz de auxiliar (áudio+braile)

Apresentação da TESE: manter o braile vivo

Blocos de desenvolvimento do plano global do texto

Na linearidade textual, o plano do texto *Chegou a hora de acabar com o braile?* apresenta-se em três blocos com elementos introdutórios ou de passagem a cada um deles:

Introdução da polêmica - Tecnologia: ajudar os cegos / E questionar o uso braile (reinava sozinho)

BLOCO 1 – argumentação a favor da tecnologia

Argumentação inicial: apresentação de argumentos a favor da tecnologia:

evoluído *muito*: novas ferramentas – *amplia* acesso informação escrita, *mais* opções

Constatação de fatos: evidências:

Novidades conquistaram espaço.

Os cegos estão deixando de ler.

Problematização – perguntas

Isso é um sinal de progresso?

Devemos celebrar o declínio do braile?

Ponto de vista adverso à tese -

É verdade

a tecnologia = absorção rápida de muita informação.

PASSAGEM

Problematização - põe em questão a argumentação apresentada - tecnologia

O problema é

novas ferramentas = tipo passivo de leitura.

BLOCO 2 – argumentos a favor do Braille - a partir da problematização

Ponto de vista em favor da tese - por oposição

Ao contrário do braille: leitura ativa.

O cérebro recebe as informações de forma diferente.

Absorve conteúdo, as letras, a pontuação, a estrutura do texto.

Reforço da tese - Constatação de fato – asserção deliberativa

A falta desse conhecimento pode prejudicar a formação de alguém.

[**Narrativa encaixada** - Aconteceu comigo].

Refutação por adversidade via comparação

Tecnologia X Braille - rapidez na leitura

tecnologia 250 palavras/min braille 50 palavras/minuto

Refutação do arg. anterior + asserção por restrição

Mas tecnologia complicada para reuniões ou palestras.

só braille evita que eu desvie a atenção do conteúdo principal.

Analogia - É *como* para as pessoas que têm visão: rádio e TV úteis, mas não substituem a leitura.

PASSAGEM

Atenuação da refutação à tecnologia

Não quero dizer que

a tecnologia de áudio *não é* importante na vida dos cegos.

Ela é.

BLOCO 3 - união dos dois pontos da polêmica inicial

Refutação por meio de asserção de valor alético de caráter generalizante

Mas deficientes visuais necessitam de maneira eficiente de ler e escrever, *como todo mundo*.

Asserção – caráter generalizador e inclusivo de valor alético que conduz à tese

Precisamos garantir acesso a *todo tipo de tecnologia* capaz de auxiliar

(áudio+braille)

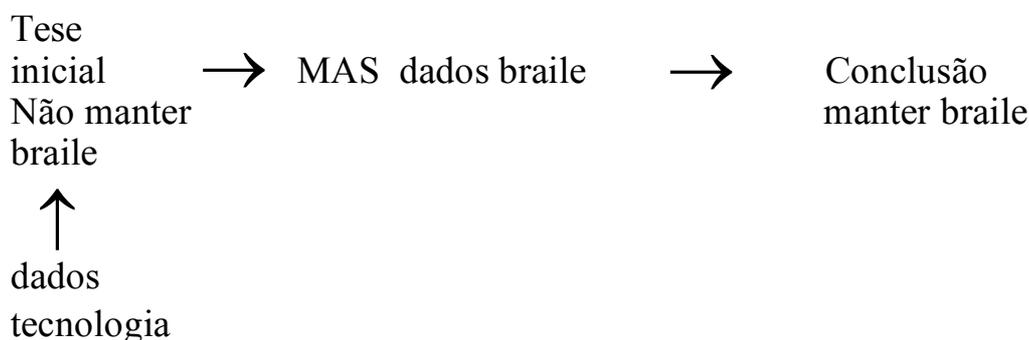


↓

Apresentação da TESE: manter o braile vivo

Observando os blocos de desenvolvimento da argumentação, podemos inferir um plano global de sentidos para o texto, que conduz à macroestrutura que teria dado origem aos desdobramentos que apresentei. A ideia central encontra-se na polêmica entre manter ou não manter o braile, por conta do desenvolvimento das tecnologias de áudio. Assim, considerando o caráter polêmico, a estratégia é de apresentar vantagens e desvantagens da tecnologia de áudio e vantagens e desvantagens do braile: a primeira justifica a não manutenção; a segunda, a manutenção do braile, tese final.

Do ponto de vista de sua organização, podemos dizer que o texto reproduz, globalmente, um esquema sequencial argumentativo prototípico (cf. Adam, 2008, p.235), retratando um percurso argumentativo: parte de uma tese inicial não correspondente à tese à qual o produtor deseja conduzir o leitor e, por um movimento de contra-argumentação, chega à tese efetivamente defendida:



Esse movimento argumentativo reflete um comportamento maduro por parte do produtor do texto; o produtor maduro leva em conta o leitor, procurando antecipar a sua interpretação e controlá-la, direcionando-a no sentido desejado. Para tanto, organiza o texto e promove escolhas linguísticas indicativas de um percurso de raciocínio a ser seguido, marcando, por meio dos recursos linguísticos, as transições, as opiniões. Também sinaliza para o seu leitor a sua presença, implica a presença do próprio leitor, faz referências a outras partes do texto implicadas na interpretação de determinado segmento do texto e a fatos extratextuais. Assim, creio poder afirmar que o produtor do texto responsabiliza-se pela interpretação, torna-se parceiro dela, procurando assegurar a construção dos sentidos por ele desejados.

Tomando por base a análise que parte do plano textual e toca nos demais níveis da textualidade, arrisco afirmar que o plano do texto fornece elementos para a percepção e o tratamento dos demais níveis de análise propostos pela ATD, de forma integrada, e, a partir desse trabalho, sua elaboração e a exploração dos níveis pode auxiliar a condução da prática pedagógica de leitura e de escrita, tema da próxima seção.

Plano de texto: uma estratégia para o planejamento da escrita

Os postulados dos autores já mencionados, ao apresentarem o texto como uma construção organizada de forma estrutural, permitem destacar a importância de um plano textual que capaz de refletir tal organização, tal como observado no texto analisado, e me conduz à seguinte questão: se a leitura de um texto revela um plano textual subjacente ao texto em sua linearidade, qual é a pertinência desse conceito para a produção escrita, especificamente, para o momento do planejamento do texto?

Segundo David e Plane (1996) e também de acordo com Coirier, Gaonac'h e Passerault (1996), o planejamento é o momento de busca das ideias para escrita; é também o momento de organizá-las e procurar imaginar o conhecimento que o leitor já detém, para, a partir desses dados, organizar o texto.

Com respeito ao planejamento, David e Plane (1996) observam que, embora se conheça muito sobre o planejamento, pouco se sabe sobre como esse processo é de fato administrado por ocasião da produção de um texto. Os dois estudiosos lembram que o processo inclui, normalmente, duas etapas, que muitas vezes se sobrepõem: a primeira consiste em recuperar ideias, seja na memória, seja no contexto; a segunda em organizar essas ideias.

Com efeito, conforme expõem David e Plane (1996), um texto será tanto melhor quanto as ideias forem mais bem dominadas e organizadas na base de conhecimentos do produtor (DAVID e PLANE, 1996, p. 23). O verbo organizar, etapa fundamental do planejamento da produção textual, remete à noção de plano conforme desenvolvida no desenrolar deste trabalho.

Coirier, Gaonac'h e Passerault (1996, p.146) observam que a etapa de (re)organização dos conteúdos, ou de linearização, constitui uma etapa necessária e essencial da atividade de produção, na medida em que é pouco provável que as informações a comunicar estejam organizadas de forma linear na memória.

Tanto David e Plane quanto Coirier, Gaonac'h e Passerault dão destaque, assim, não apenas ao conhecimento, em geral, de um determinado domínio também linguístico, mas igualmente a um sistema de organização desse conhecimento. Podemos supor que essa organização pode beneficiar o ato da escrita quando ela reflete uma organização do texto a ser produzido, como um projeto composicional, que explicita uma organização global para o futuro texto, de acordo com o querer dizer do produtor. Desse ponto de vista, a elaboração de um plano prévio constitui uma ferramenta para o trabalho da escrita, uma estratégia que permite assegurar maior coerência entre o querer dizer e o dizer efetivado pelo texto.

A ideia de um plano gerador do texto não é nova, ao contrário, é bem antiga, e sempre nos remete ao plano clássico da retórica grega. Ela tem ficado, no entanto, muitas vezes, esquecida, nas práticas de produção escrita. Prioriza-se ora a criatividade, o fluir do ato, ora a construção da linearidade, ora a construção de sentidos como um todo. É preciso lembrar, no entanto, que o ato de escrever, para atingir seus objetivos, para que a transmissão de sentidos se dê de forma mais próxima das intenções do produtor, passa pela exposição de um raciocínio gerador de tais sentidos. Durante a planificação da escrita, a elaboração do plano auxilia o produtor a tomar consciência desse processo de raciocínio e, por consequência, a hierarquizar e organizar os elementos que compõem esse raciocínio para, em seguida, expô-lo na linearidade textual.

É nesse sentido que Coirier, Gaonac'h e Passerault (1996) destacam as operações de planificação cognitiva e a planificação textual propriamente, observando que a descrição de um itinerário pode fazer parte do processo de produção de texto. A esse respeito, vale lembrar que esses autores ressaltam a importância de distinguir claramente a gestão do plano do texto dos processos cognitivos nela envolvidos:

Uma coisa é organizar, por exemplo, as relações lógicas entre os diferentes argumentos que permitem justificar uma tomada de posição, outra coisa é encontrar a sequência que permite exprimir os resultados dessa análise na maneira linear. (COIRIER, GAONAC'H E PASSERAULT, 1996, p.36)

De todo modo, esses autores destacam que a produção de um texto passa pela elaboração de um plano, um projeto de dizer, lembrando que pesquisas já mostraram que a elaboração de planos surte efeitos positivos nos resultados da escrita.

O fato é que a geração de ideias constitui uma ação geral para a produção de um texto; já a planificação de um texto concreto a partir da geração de ideias é própria de produtores maduros e expertos que procuram controlar sua produção. Os produtores imaturos, acreditando que o planejamento de um texto consiste na busca por ideias, costumam passar da geração de ideias para a escrita, o que os leva, muito frequentemente, a se perderem durante o processo da textualização.

Não podemos ignorar que, tanto na produção como na interpretação, todo texto é objeto de um trabalho de reconstrução de sua estrutura que, passo a passo, pode levar à elaboração de um plano de texto refletindo o conteúdo do texto; encontra-se aí a sua função da composição macrotextual do sentido que menciona Adam (2008). Ora, essa estrutura é muito mais do que uma soma de ideias aleatórias simplesmente.

Se a produção escrita passa por etapas e a elaboração de um plano estratégico como instrumento para a organização das ideias é uma delas, vislumbrando a possibilidade de oferecer aos estudantes que não são produtores maduros, é possível também pensar em etapas para a própria elaboração do plano, incluindo processos de tomada de decisões a partir da geração de ideias aleatórias e/ou coleta de informações e passando pelas escolhas linguísticas de orientação ao leitor, as quais apresento a seguir: (1) Definição da tese que deseja defender, no caso de textos predominantemente argumentativos, foco de nossa atenção; (2) Registro da tese sob a forma de asserção. (Normalmente, aconselho que o estudante anote a tese, na forma de uma asserção, no alto da folha, para não perdê-la de vista. Outra estratégia útil é a construção de um período ou parágrafo que contenha a tese. Ele deve guardá-lo para utilizar no momento da escrita); (3) Organização das informações, reagrupando-as por categorias; (4) Elaboração de uma lista dos elementos do texto organizados em ordem preferencial alinhados verticalmente na página; (5) Escolha do movimento argumentativo do texto, a partir de elaboração de um esquema sequencial; (6) Organização da lista elaborada de acordo com o esquema argumentativo eleito formando blocos que delimitarão os parágrafos do texto; (7) Seleção de expressões que estabelecerão as conexões textuais, estabelecendo as relações lógicas e argumentativas; (8) Busca de exemplos para reforçar a argumentação.

Essas etapas explicitam o processo de produção do autor maduro e experto e orientam a produção nesse sentido. Elas permitem que o autor tenha presente suas ideias, as palavras que pretende para o seu texto e uma imagem da interpretação que o leitor poderá ter, ou que se deseja que ela tenha (cf. Kellogg, 2008).

A utilização constante do plano, assim elaborado como ferramenta para a escrita, leva à incorporação de um saber que considera a produção de um ponto de vista mais maduro, ou seja, que procura incluir o leitor no processo de produção, refletindo sobre a orientação e a construção dos sentidos que se pretende dar ao texto e, por conseguinte, responsabilizando-se também pela compreensão visada, criando um projeto enunciativo.

Conclusão

Ao iniciar este trabalho, tracei como objetivo refletir sobre a possibilidade de utilizar o conceito de plano de texto como ferramenta estratégica para a produção textual visando a levar os estudantes a conscientizarem-se do processo da escrita como um processo de tomada de decisões relativamente tanto ao material linguístico quanto à organização desse material na linearidade textual a fim de levar o leitor de seu texto a uma construção de sentidos mais próxima à desejada pelo produtor. Creio que as reflexões por mim apresentadas me permitem afirmar que a geração de um plano prévio estrutural que reflita a organização que o texto a ser produzido tomará, de acordo com as intenções de dizer do produtor constitui uma ferramenta estratégica para as práticas de produção textual visando à maior maturidade produtiva dos estudantes.

Referências

- ADAM, Jean-Michel. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. Trad. Maria das Graças Soares Rodrigues, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi, Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin. São Paulo: Cortez, 2008.
- COIRIER, Pierre; GAONAC'H, Daniel & PASSERAULT, Jean-Michel. *Psycholinguistique Textuelle : une approche cognitive de la compréhension et de la production des texts*. Paris: Armand Colin, 1996.
- DAVID, Jacques e PLANE, Sylvie. *L'apprentissage de l'écriture de l'école au collège*. Paris: PUF, 1996.
- DUCROT, Oswald. *Princípios de semântica linguística: (dizer e não dizer)*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- FAYOL, Michel. Comprendre ce qu'on lit: de l'automatisme au contrôle. In:

FAYOL, M. *et alli*. *Psychologie cognitive de la lecture*. Paris: PUF, 1992.

KELLOGG, Ronald. T. Training Writing Skills: a cognitive developmental perspective. In: *Journal of writing research*, 1 (1), 2008, p. 1-26.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *L'implicite*, Paris Armand Colin, 1986.

KINTSCH, Walter. *Comprehension a paradigm for cognition*. New York/ Melbourne: Cambridge University Press, 1998.

_____. & MANNES, Suzanne. Generating scripts from memory. In: van der MEER, Elke. & HOFFMANN, Joachim. (eds.). *Knowlwdge-aided information processing*. Amdsterdam:Elseiver Science Publishers, 1987, p. 61-80.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

LE NY, Jean-François. *Comment l'esprit produit du sens*. Paris: Odile Jacob, 2005.

PLANE, Sylvie. *Écrire au College didactique et pratiques d'écriture*. Paris: Nathan, 1994.

SCHANK Roger. *Dynamic memory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

VANDENDORPE, Christian. Comprendre et interpréter. In: *La lecture et l'écriture. Enseignement et apprentissage*. Montreal: Éditions Logiques, 1992.

VAN DIJK, Teun A. *La ciencia del texto*. Barcelona/Buenos Aires: Paidós Comunicación, 1983.

_____. Semântica do discurso e ideologia. In: PEDRO, Emília, R. (org.). *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, 1997, p.105-168.

VAN DIJK, Teun A. & KINTSCH, Walter. *Strategies of discourse comprehension*. New York: Academic Press, 1983.

Recebido: 13/10/2013

Aprovado: 20/11/2013

Anexo:

Chegou a hora de acabar com o braile?

por Fredric K. Schroeder*

Muita tecnologia surgiu para ajudar os cegos. E para questionar o uso de um sistema que até hoje reinava sozinho.

A tecnologia dedicada a ajudar deficientes visuais tem evoluído muito. Novas ferramentas vêm ampliando o acesso de cegos à informação escrita: audiolivros, softwares que lêem em voz alta e e-mail que acabou de chegar, serviços telefônicos que lêem o jornal pela manhã. Sem dúvida, uma mão na roda, que dá mais opções aos cegos.

Essas novidades conquistaram espaço. E, confiando nelas, os cegos estão deixando de ler. Estão apenas ouvindo. Há deficientes visuais que já aderiram completamente à tecnologia. Alguns professores de escolas para cegos também não vêm mais espaço para o braile. Tanto que quase 90% das crianças cegas americanas estão crescendo sem aprender a ler e escrever. Isso é um sinal de progresso? Devemos celebrar o declínio do braile?

É verdade, a tecnologia permite a absorção rápida de muita informação. O problema é que essas novas ferramentas oferecem um tipo passivo de leitura. Ao contrário do braile, que permite uma leitura ativa. Com ele, o cérebro recebe as informações de forma diferente, além do conteúdo, absorve também as letras, a pontuação, a estrutura do texto.

A falta desse conhecimento pode prejudicar a formação de alguém. Aconteceu comigo. Perdi parte da visão aos 7 anos de idade. Aos 16 anos, fiquei completamente cego. Não fui alfabetizado em braile quando criança, e tive de aprender a ler e escrever sozinho depois de cego. O aprendizado tardio prejudicou minha educação e minha confiança. Quando entrei na universidade não podia soletrar. Sabia pouco sobre pontuação e regras gramaticais. Fiz um doutorado em administração da educação, mas a alfabetização limitada foi sempre uma barreira.

Hoje uso muita tecnologia de áudio. Com ela, posso ler o texto no computador em um ritmo de 250 palavras por minuto. Com o braile, leio 50 palavras por minuto. Mas a tecnologia é complicada para reuniões ou palestras. Se preciso ler um discurso que escrevi, buscar notas no meio de uma apresentação, consultar tabelas, só o braile evita que eu desvie a atenção do conteúdo principal.

É como para as pessoas que têm visão: rádio e TV são métodos úteis de conseguir informação, mas não substituem a leitura. Não quero dizer que a tecnologia de áudio não é importante na vida dos cegos. Ela é. Mas deficientes visuais necessitam de uma maneira eficiente de ler e escrever, como todo mundo. Isso significa que precisamos garantir o acesso a todo tipo de tecnologia que apareça e seja capaz de auxiliar. Sem esquecer também de trabalhar para manter o braile vivo.

** Fredric K. Schroeder é vice-presidente da Federação Nacional dos Cegos dos EUA. Ele perdeu a visão em decorrência da síndrome de Stevens-Johnson.*

Revista *Superinteressante*, seção Polêmica, ed. 281, ago. 2010.